

## A Identidade Líquida do Jornalista Contemporâneo: Uma análise a partir da perspectiva de professores e acadêmicos do curso de Jornalismo do Unifasipe

HELÓRA AUGUSTA CAMILOTTI  
GABRIELA SROCZYNSKI FONTES

Faculdade Fasipe - Rondonópolis, Mato Grosso

### Resumo

Este trabalho apresenta discussões que fazem parte de uma pesquisa que foi desenvolvida para conclusão do curso de Jornalismo, que visa compreender como se configura a identidade jornalística contemporânea nesse período pós-advento da internet. Trata-se de um estudo de caso de cunho qualitativo, que teve como base teórica autores como Zygmunt Bauman, André Lemos e Néstor Canclini. Sendo assim, aqui se busca analisar a perspectiva de acadêmicos e professores do curso de jornalismo do Unifasipe e levantar questionamentos e apresentar discussões que possibilitem conhecer o atual momento vivido pelo jornalismo, que exige um novo posicionamento e uma nova forma de atuação do jornalista, o que implica na reconfiguração de sua identidade.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Identidade; Tecnologias da Comunicação.

### Abstract

This paper presents some discussions that are part of a research that is being developed for the conclusion of a course, which aims to analyze the perspective of students and teachers of Journalism course and to understand how the contemporary journalistic identity is configured in this post-advent period of the internet. This is a qualitative research based on authors such as Zygmunt Bauman, André Lemos and Néstor Canclini. Therefore, it seeks to raise questions and present discussions that make it possible to know the current moment experienced by journalism, which requires a new positioning and a new way of acting journalist, which implies the reconfiguration of his identity.

**Keywords:** Journalism; Identity; Communication Technologies.

### Introdução

**E**ste trabalho trata-se de uma discussão acerca da identidade jornalística que pretende compreender como ela se configura nesse período contemporâneo pós-advento da internet, a partir da perspectiva de professores e acadêmicos do curso de jornalismo, do Unifasipe - Centro Universitário Fasipe, da cidade de Sinop - MT. Para tanto, fez-se necessário verificar quais eram as características da produção jornalística e do profissional jornalista antes do surgimento da internet e de outras tecnologias da comunicação disponíveis atualmente. Assim como identificar e compreender as mudanças na atuação do jornalista diante do atual cenário comunicacional e de

que forma essas mudanças levam a uma reconfiguração da identidade jornalística.

No que diz respeito ao cenário comunicacional atual, algumas questões são evidentes. Primeiro, a internet, dado ao avanço da tecnologia, rompeu as formas tradicionais de as pessoas se comunicarem. Segundo, o resultado desse avanço é o fenômeno da convergência midiática, ou seja, a junção do texto, imagem e som em uma única mídia (a internet); assim como a criação de ferramentas de fácil usabilidade que viabilizam novos processos comunicacionais e de interatividade. Terceiro, o jornalista ao ter que se posicionar diante do novo cenário de produção jornalística que vem sendo montado, acaba por modificar a forma como realiza algumas atividades, o que pode levar a uma reconfiguração de sua identidade.

Essas mudanças exigem a constante adaptação do jornalista a essa nova dinâmica profissional, e é justamente essa nova dinâmica que gera reflexões e indagações que motivam o desejo de avançar o estudo e buscar compreender o que acontece com a identidade do profissional do jornalismo diante desse cenário projetado pelas novas tecnologias da comunicação; quais são as características que compõem tal identidade e qual a visão que futuros profissionais têm em relação a ela.

Em busca de tais compreensões, o trabalho aqui apresentado é resultado de um estudo de caso, que seguiu como perspectiva metodológica a abordagem qualitativa, também podendo ser classificada como pesquisa descritiva, já que se propõe a coletar dados da própria realidade, visando compreendê-la e descrevê-la. Além do levantamento e revisão bibliográfica, que teve como base teóricos como Zygmunt Bauman, André Lemos e Néstor Garcia Canclini, foram entrevistados quatro professores - o que corresponde ao número total de professores formados em jornalismo que estavam compondo o corpo docente do curso naquele momento (com exceção da professora orientadora deste trabalho) - e oito alunos, o que corresponde a dois alunos por turma. Para a entrevista, foi elaborado um roteiro contendo 10 perguntas, que foi utilizado tanto com professores quanto com os acadêmicos, para que fosse possível identificar as semelhanças e diferenças entre as respostas obtidas.

## A noção de identidade no tempo presente

Cada tempo que se vive é marcado por características peculiares e recebe denominações em busca de facilitar sua identificação, o período atual é bastante conhecido como pós-moderno. Fontes (2014, p.16), baseada em Lipovetsky e Charles (2004), esclarece que “a noção de pós-modernidade surge a partir da década de 1970 para designar um período marcado pelo enfraquecimento da racionalidade e pelo surgimento de uma sociedade caracterizada por uma dinâmica de individualização e pela primazia do aqui-ora.”. Porém existem outras maneiras de designar o tempo presente, Bauman (2001) prefere chama-lo de modernidade líquida, fazendo uma oposição a um período anterior que seria a modernidade sólida. Ele explica que:

[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. [...] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenche apenas ‘por um momento’. (BAUMAN, 2001, p. 8).

Sendo assim, é possível entender que o período vivido hoje é marcado por diversas mudanças, nada é fixo, tudo se adapta e se altera. O autor ainda aponta que a sociedade atual tem sempre à disposição uma quantidade infinita de possibilidades e oportunidade para explorar, o que faz com que sempre estejam fazendo escolhas que, conseqüentemente, geram mudanças e que “Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre.” (BAUMAN, 2001, p. 74).

Essa grande quantidade de possibilidades também tem reflexo na questão da compreensão e da configuração da identidade, pois segundo Bauman (2001, p. 71), “viver em meio a chances aparentemente infinitas tem o gosto doce da ‘liberdade de tornar-se qualquer um’.”. Dessa forma, a identidade também pode ser considerada “líquida” e, então, possuir diversas características. De acordo com o autor,

As identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora. A eventual solidez que podem ter quando contempladas de dentro da própria experiência biográfica parece frágil, vulnerável e constantemente dilacerada por forças que expõem sua fluidez e por contracorrentes que ameaçam fazê-la

em pedaços e desmanchar qualquer forma que possa ter adquirido. (BAUMAN, 2001, p. 98).

Ao discutir a noção de identidade no tempo presente, Fontes (2014) chama atenção para o fato de que “[...] a identidade tanto é usada com a ideia de se diferenciar do outro, quanto para se assemelhar a um grupo, mostrar que pertence a ele.” (FONTES, 2014, p.19). Além disso, Canclini (1999, p. 166) explica que “Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas.”. Ou seja, conforme as pessoas vivem situações diversas, circulam por diferentes espaços, se relacionam com várias outras pessoas, elas acabam agindo de maneiras diferentes - conforme requer cada momento - e, conseqüentemente, assumindo identidades diferentes.

Nesse cenário, Bauman (2001) afirma que no tempo presente, o sentimento de liberdade está justamente nessa possibilidade de a pessoa escolher, alterar, transformar a sua identidade, o seu “verdadeiro eu”.

É a capacidade de ‘ir às compras’ no supermercado das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade. Com essa capacidade, somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. (BAUMAN, 2001, p. 98).

Complementando essa visão apresentada, Canclini (1999) esclarece que identidade passa sempre por um processo de construção e reconstrução, e que isso ocorre, inclusive, com a ajuda de outras pessoas, afinal as relações estabelecidas com o outro contribuem para a definição, construção e compreensão do “eu”. E, então, a identidade pode ser estudada como “processos de negociação, na medida em que são híbridas, dúcteis e multiculturais.” (CANCLINI, 1999, p. 175).

### **Características do jornalismo contemporâneo**

Assim como a sociedade sofre mudanças ao longo dos tempos, a atividade jornalística, por consequência, também passa por constantes transformações. Marcondes Filho (2006), ao fazer um mapeamento desta atividade mostra que hoje se vive o quarto jornalismo, ou quinta fase, que é

caracterizada pelo predomínio da utilização da tecnologia, interatividade, alteração na função do jornalista, velocidade na transmissão de informações e crise da imprensa escrita.

Dentro desse período do quarto jornalismo, está situado o webjornalismo, no qual os materiais jornalísticos são incrementados com a utilização de recursos multimídia (sons e imagens), interação (chats, fóruns de discussões), personalização de conteúdo, utilização de hipertextos na construção da narrativa jornalística e constante atualização das informações. O que sustenta e alavanca jornalismo produzido para as mídias digitais são os recursos tecnológicos disponíveis que oferece ferramentas de uso simplificado. Estes facilitaram, e conseqüentemente alteraram os processos de comunicação e inseriram novas alternativas de interatividade. Na visão de Castells (2005),

A internet está revolucionando a comunicação por sua capacidade de fazer os grandes meios de comunicação entrarem em curto-circuito. O fato de ser uma comunicação horizontal, e cidadão a cidadão, significa que posso criar meu próprio sistema de comunicação na internet [...] Pela primeira vez há uma capacidade de comunicação maciça, não midiaticizada pelos meios de comunicação de massa. (CASTELLS, 2005, p. 285-286).

A internet possibilitou, por exemplo, o surgimento do webjornalismo participativo, uma produção independente que possibilita que o cidadão tenha uma participação ativa no processo de produção de materiais jornalísticos; além do aumento das possibilidades de interação do leitor com o veículo e/ou profissional jornalista. Dessa forma, ocorreu uma descentralização da informação e porque não dizer, da produção de conteúdo jornalístico.

Essas alterações no processo de produção jornalística refletem diretamente na atuação do profissional do jornalismo. Este até então era a peça principal do processo comunicacional. Era ele quem detinha primeiramente as informações, que possuía acesso às fontes, escrevia e publicava a notícia a ser consumida pelas demais pessoas. Porém a medida em que a internet e as demais tecnologias e ferramentas de comunicação revolucionam a produção jornalística ao permitirem que as pessoas atinjam um maior grau de interação, que produzam e/ou co-produzam e divulguem informações com facilidade e rapidez, faz com que o jornalista profissional mude sua forma de atuação frente a essa nova realidade.

Tanto que uma função antiga do jornalista, que é atuar como gatekeeper, ou seja, selecionar informações e decidir quais devem ou não se tornar notícias e serem publicadas, já não faz mais sentido na web. Primeiro porque na web o espaço é ilimitado, não é preciso fazer escolhas pensando no preenchimento de um espaço limitado, como acontece nos meios impressos; segundo, porque a descentralização da informação propiciou que os cidadãos que participam desse processo de comunicação hajam também como gatekeepers.

Apesar do jornalista não ser mais o único condutor do processo de produção de notícia na internet, Aroso (2003) afirma que ele permanece insubstituível. Porque devido ao grande crescimento de informações disponibilizadas na internet, passa a ser necessário filtrar e refinar esse conteúdo e essa atividade legitima a relevância e a necessidade da presença de um profissional da comunicação que possa dar suporte à produção.

A grande quantidade de notícias inseridas diariamente na internet gera questionamentos sobre a veracidade das informações e este fato leva à necessidade de um jornalista que dê o suporte já mencionado à produção. Pois, segundo Fonseca e Lidemann (2007), a partir do momento que essas informações são avaliadas por ele, elas passam a deter um dos princípios legitimadores do jornalismo, a credibilidade.

Além disso, a internet, a partir de algumas de suas características - velocidade e instantaneidade - alterou o ritmo de trabalho do jornalista. Buscando a velocidade de atualização de notícias, a rotina do jornalista passa a assemelhar-se a de um funcionário de uma linha de produção, produzindo materiais em série e sempre com a intenção de oferecer maior quantidade de informação em menos tempo.

Essa nova forma de trabalhar pode tornar a profissão banal à medida que se for inserida, tão fortemente, nas regras de mercado pode igualar o consumo de informações ao consumo de qualquer outro produto. A produção jornalística padronizada se dá pelo aumento da quantidade informacional oferecida e possibilitada pela internet, e isso condiciona a pasteurização e previsibilidade do conteúdo.

Os conceitos de cultura de massa e indústria cultural são pré-requisitos para se compreender os contextos econômicos, sociais e culturais em que surgiu e se desenrola o jornalismo contemporâneo e, mais propriamente, a indústria do jornalismo online. Hoje o webjornalismo é uma atividade mercantil com características bem definidas, sejam elas a produção em série, as regras precisas de construção da notícia-mercadoria ou o estabelecimento de saberes e tecnologias próprias. (JORGE; BORGES, 2004, p. 07).

Essa ansiedade em busca da atualização constante de conteúdo também leva a dois sérios problemas. Por exemplo, a ânsia em publicar a notícia o mais rápido possível, pode levar o jornalista ao erro, por não ter tempo para checar as informações e revisar o texto. O que pode fazer com que tanto os jornalistas, quanto os veículos onde trabalham, percam credibilidade diante do público.

Ainda no que se refere a características das atividades do jornalista contemporâneo, é preciso destacar que este, em algumas situações, acaba desempenhando diversas funções que antes eram divididas. Um único profissional acaba se tornando responsável por todo o processo de produção da notícia, desde a elaboração da pauta, até sua edição e divulgação. Conforme Fonseca e Kuhn (2009, p. 60), “Mesmo que a legislação estipule uma jornada de cinco horas diárias, é comum que sejam cumpridos, de maneira geral, muito mais do que o tempo contratado, sem remuneração extra.”

Além disso, as novas tecnologias e ferramentas da comunicação, como os celulares e seus diversos aplicativos, possibilitaram novas formas de os jornalistas desempenharem suas atividades. Munido de um celular, o jornalista consegue fazer pesquisas, realizar entrevistas, tirar fotos, gravar vídeos e, então, produzir, editar e publicar uma notícia rapidamente, assim como fazer entradas ao vivo em programas de rádio e televisão.

Nesse sentido, é preciso ter a clareza de que a internet e demais tecnologias e ferramentas de comunicação digital não apenas mudaram a rotina de produção jornalística no que se refere a novas funções, atividades e características relacionadas à produção para esses meios em específico, elas tiveram impacto também - de modos diferentes - nos meios considerados tradicionais: rádio, televisão, jornal impresso, assim como nas atividades relacionadas à assessoria de imprensa. Contudo não se pode esquecer que essa conjuntura tecnológica está aliada a uma nova conjuntura econômica, que gera

mudança na dinâmica de mercado e, conseqüentemente, na atividade do jornalista. Segundo Fonseca e Kuhn (2009),

Por conta dessas novas demandas do mercado, as empresas com perfil multimídia perseguem um profissional com habilidades igualmente multimídia, tanto na contratação quanto na requalificação/treinamento dos seus profissionais. Um mesmo repórter deve dominar a técnica de modo a produzir conteúdos para televisão, rádio, jornal e internet. (FONSECA; KUHN, 2009, p. 59).

Nesse cenário, mais do que nunca o jornalista precisa ser um profissional preparado para desenvolver atividades em todos os meios de comunicação, além de uma espécie de especialista no uso das novas tecnologias. Contudo, apenas a qualificação técnica não supre as exigências para uma boa atuação do jornalista, pois esse profissional deve ter a habilidade não apenas de produzir notícias, mas também de selecionar a informação relevante, de saber enxergar além da superfície, para então conseguir elaborar uma notícia atraente.

Frente a essa realidade, o jornalista profissional se encontra com a necessidade de rever suas atividades constitutivas da profissão em busca da manutenção de seu espaço de trabalho e de se mostrar importante dentro do processo de produção de conteúdo jornalístico. Contudo, vale ressaltar que se trata de uma profissão que atravessou séculos e já enfrentou diversas situações que levaram a mudanças na forma de desempenhar suas funções.

Diante de tais apontamentos e do surgimento da internet, pode-se afirmar que a maneira de se produzir notícia se modificou e ainda está em processo de mudança. Com as novas mídias e novos recursos presentes na vida de toda população, o processo de produção do jornalismo passa por alterações diante da necessidade de se encaixar nessa nova dinâmica social e comunicacional.

Antes, o processo de produção jornalística era mais contínuo e definido. Agora, com o advento da internet e a convergência midiática, a maneira de produção, edição e publicação do material jornalístico muda de acordo com o tipo de mídia ao qual é destinado. Como exemplo, é possível citar as diversas mídias e sites de redes sociais que possuem objetivos e configurações diferentes, o que, conseqüentemente, faz com que o jornalista tenha que adequar o conteúdo para a divulgação em cada um desses espaços.



## Do Gatekeeper ao Gatewatcher: um reposicionamento teórico

O termo *gatekeeper* surgiu em meados dos anos 1940, mais especificamente em 1947, criado pelo psicólogo Kurt Lewin. O psicólogo o usava para estudar os problemas ligados à modificação dos hábitos alimentares em um determinado grupo social.

Em 1950, o teórico David Manning White aplicou o conceito em jornalismo. Ele realizou um estudo de caso sobre o fluxo de notícias com o objetivo de separar os pontos que funcionam como portões/cancelas. White observou a atividade de um jornalista que possuía 25 anos de profissionalismo. A função deste jornalista era selecionar notícias entre as centenas que chegavam a redação diariamente. White o chamou de Mr. Gates, analisou por uma semana, os motivos que levavam o jornalista a rejeitar algumas daquelas notícias.

White concluiu que este jornalista *gatekeeper*, porteiro, tinha justamente o poder pessoal de decidir o que seria ou não notícia, ou seja, o que seria ou não publicado. Ele usaria, para essas escolhas, unicamente os seus próprios juízos de valor, seu conjunto de experiências, atitudes e expectativas (CASTRO, 2012, p. 5-6).

Dentro do jornalismo, o termo passa a ser direcionado para uma pessoa que “tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia.”, ou seja, um guardião do portão (*Gatekeeper* em inglês) que controla o que se torna notícia em meio a tantos acontecimentos.

Diante dos avanços tecnológicos, o indivíduo tem a oportunidade de se expressar para uma audiência maior. O consumidor acaba se tornando o produtor, com telefones celulares ou câmeras, não é necessário ser jornalista para divulgar uma informação. A partir desta extensão de informações e informantes pode se dizer que o *gatekeeping* não é a ferramenta mais apropriada a realizar essa tarefa de decidir o que é notícia e o que não é, na internet. Conforme Axel Bruns (2002, p. 3, tradução nossa), “Para o contexto online, o *gatekeeping* pode não ser mais o paradigma de verificação de notícias mais apropriado; Em vez disso, é possível encontrar novas formas de verificação de notícias que tenham desenvolvido estruturas organizacionais inteiramente novas”.

A função do Gatekeeping não somente é encontrar conteúdos que podem se enquadrar como notícia de acordo com a audiência e o veículo, mas também, e mais precisamente, encontrar todos os conteúdos que se enquadram e que podem ser feitos se enquadrar em um determinado espaço (canal) disponível. Na internet, o espaço virtual é ilimitado, então não há necessidade de seleção das notícias, já tudo pode ser postado, assim, o Gatekeeper perde o seu objetivo.

Ocorre também, que em alguns casos, o jornalista da Web deixa de atuar como repórter que cria notícia para, direcionar o leitor aos conteúdos de destaques. Segundo Bruns (2002), atuam como bibliotecários, que reúnem várias informações e "filtram" as mais importantes. Devido à variedade de publicações online, a função do jornalista passa ser a de Gatewatching. O profissional não tem mais condições de "controlar os portões", como fazia o Gatekeeper, devido à grande quantidade de conteúdos noticiosos disponíveis numa grande quantidade de canais.

Esta mudança foi fomentada por dois aspectos que se combinaram para substituir as práticas de gatekeeping por aquelas de gatewatching: a multiplicação contínua dos canais disponíveis para a publicação e divulgação das notícias, especialmente desde o surgimento do World Wide Web como uma mídia popular, e o desenvolvimento dos modelos colaborativos para a participação dos usuários e para a criação de conteúdo, que atualmente são frequentemente resumidos sob o rótulo de "Web 2.0". (BRUNS,2002, p. 122).

A função que agora podem exercer é de observar e acompanhar as informações que circulam por esses canais. Filtrar os conteúdos e avalia-los e não lhes rejeitar.

### **A cibercultura e uma nova perspectiva de atuação para o jornalista**

A cibercultura pode ser entendida como uma junção de espaços, costumes, atitudes e rituais da vida "offline" das pessoas com a vida de quando entram em contato com as tecnologias (online), como redes sociais, sites e etc., sendo assim, há muitos reflexos da cultura e do cotidiano na vida online.

Lemos (2008) compreende a cibercultura como sendo um produto daquilo que pode ser considerado a essência do mundo contemporâneo, pois tem como principal característica a incorporação das novas tecnologias nas práticas

socioculturais. Ou seja, a cibercultura permite que haja uma apropriação social da tecnologia. O autor ainda afirma que

A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais, vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamamos de cibercultura. Hoje podemos dizer que uma verdadeira estética do social cresce sob nossos olhos, alimentada pelas tecnologias do ciberespaço. [...] as novas tecnologias tornam-se vetores de novas formas de agregação social. A tese de fundo é que a cibercultura resulta da convergência entre a socialidade<sup>1</sup> contemporânea e as novas tecnologias de base microeletrônica. (LEMOS, 2008, p. 15-16).

Normalmente é difícil perceber que estamos envolvidos neste contexto desde, aproximadamente, a década de 1970, isso porque os laços com a tecnologia se mostraram mais fortes a partir do surgimento de celulares, smartphones, tablets, computadores portáteis e a popularização da internet. Essas tecnologias portáteis abrem espaço para novas atitudes e comportamentos, como fazer de tudo um pouco ao mesmo tempo. Hoje as pessoas podem ler diferentes tipos de textos enquanto navegam pela internet, ou escutar música enquanto trabalham e trabalhar enquanto leem mensagens em seus celulares. Seguindo essa perspectiva, Fontes (2014) explica que:

A presença marcante da tecnologia no dia a dia, proporciona novas formas de conexão e comunicação, facilita o fornecimento e realização de alguns serviços e atividades e possibilita que haja outra forma de se fazer presente no meio social. A cibercultura proporcionou a coexistência entre o real/físico/material com o virtual/digital e Lévy (1999) a define como sendo um movimento social e cultural, propagado pelo ciberespaço, que tem se tornado cada vez mais potente e vigoroso. (FONTES, 2014, p. 28).

Esse comportamento forma o que se chama de “ciberespaço”, isto é, poder estar em um lugar e ao mesmo tempo ocupar um espaço virtual. A população pode frequentar um banco, ou então permanecer em uma aula da faculdade e ao mesmo tempo estar em suas redes sociais ou resolvendo outros assuntos por meio do acesso à internet, o que dá acesso a qualquer parte do mundo. Esse ciberespaço é compreendido por Lemos (2008) como parte vital da cibercultura e que, sendo assim,

Ele não é desconectado da realidade [...] No lugar de um espaço fechado, desligado do mundo real, o ciberespaço colabora para a criação de uma ‘realidade aumentada’. O ciberespaço é a

encarnação tecnológica do velho sonho de criação de um mundo paralelo, de uma memória coletiva, do imaginário, dos mitos e símbolos que perseguem o homem desde os tempos ancestrais. (LEMOS, 2008, p. 128-129).

O maior consumo de informações e interatividade, o surgimento de características de produção específicas para a web, faz com que a atuação do jornalista e sua forma de produção se modifiquem, afinal "A interação acontece em um contexto de comunicação complexo, onde o computador e o usuário são ambos agentes em ação." (LEMOS apud LAUREL, 2008, p. 111).

Atualmente muitos dizem que qualquer um pode exercer a função de um jornalista, mas uma coisa é simplesmente transmitir uma informação e outra é produzir uma, e é isso que alguém formado em jornalismo faz, produz a informação, se dedica a essa produção, fazendo pesquisas e aprofundando-as, analisa todas as fontes e fatos, edita e tem a capacidade de encontrar a veracidade de informações presentes na rede.

### **A Identidade jornalística sob a perspectiva de professores e acadêmicos do UniFasipe**

Para conseguir alcançar os objetivos propostos pela pesquisa aqui apresentada, além de uma revisão e discussão teórica, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com professores e alunos do curso de jornalismo do Centro Universitário Fasipe, seguindo os critérios de amostragem de diversificação e saturação, propostos por Marre (1991), durante os meses de outubro e novembro de 2018. Os professores expressam a sua perspectiva sobre a identidade do profissional jornalista contemporâneo. Sendo assim, ao falar sobre a atividade jornalística e a internet, o Professor Clemerson Mendes observa que:

Depois da internet tem muito jornalista que se pauta pelo o que sai nas redes sociais, porque ele toma aquela informação como verdade e desenvolve a pauta, mas isso é muito perigoso. É preciso ter um filtro pra que os profissionais possam distinguir o que é brincadeira, boato, notícia, mentira ou verdade, o jornalista deve averiguar antes. O papel dele hoje é saber filtrar e não se deixar levar pela primeira coisa que aparecer, se isso acontecer, a credibilidade vai cair e até pode deixar de existir.

Seguindo o mesmo contexto, a professora Karoline Teixeira levanta um questionamento acerca da divulgação de informações na Web:

A noção de que nosso papel é informar não muda, mas como vamos informar sabendo que na internet, a mesma coisa que eu, jornalista, levei dois ou três dias para apurar, saiu em minutos a partir de uma suposição e se espalhou muito mais rápido do que nas mídias convencionais?

Em relação à compreensão do que é o jornalismo, todos os professores entrevistados tiveram respostas semelhantes. Na concepção deles, o jornalismo é uma ferramenta do povo, uma maneira de informar e comunicar da melhor forma possível, tanto o que o público quer saber, quanto o que precisam saber. Também, em meio às respostas dos professores, houve o pensamento mútuo de que o jornalismo tem um papel social, o qual pode auxiliar e buscar melhorias, agir como um mediador do povo. Nesse sentido, Marcos Silva, aponta que:

Jornalismo é a arte de contar uma história que tenha uma relevância para a sociedade como um todo, nem tudo é uma boa história, mas uma boa história deve ser contada. Isso engloba vários tipos de assuntos: político, econômico, saúde, educação e etc.

Para os professores, o jornalismo é uma profissão que deve estar sempre atenta às mudanças em seu meio de produção e atuação. Com o surgimento da internet, o jornalismo passou e está passando, mais uma vez, por uma transformação. Antes da internet, "o jornalista tinha o dom do faro para as notícias e fatos", diz José Roberto Gonçalves, professor e atual coordenador do curso, "Hoje existem jornalistas que não vão à rua para apurar os fatos e se baseiam simplesmente em informações presentes nas redes sociais, apenas repassando informações de outros lugares e fontes. Como esse avanço tecnológico possibilitou que todos publiquem facilmente tudo o que querem, o jornalismo acabou virando uma disputa por quem divulga mais rápido ou quem publica a informação verdadeira.", observa Gonçalves.

Em relação à reprodução de informações, Karoline Teixeira acredita que "não interfere exatamente na identidade do jornalista, mas acaba sendo uma nova característica da identidade jornalística, e cabe o jornalista se moldar e saber até que ponto essa situação é aproveitável ou não". Já José Roberto diz que interfere, mas momentaneamente, quando o jornalista tem um deadline curto e não haveria como produzir uma outra matéria. Os demais professores

acreditam que isso, se for feito de maneira desatenta e pensando somente em ser o primeiro a publicar, pode interferir na qualidade final do produto.

Diante disso, e sobre a credibilidade e importância do jornalista, Marcos Silva conta: “eu consegui sentir a importância do jornalista dentro das mídias e redes sociais, porque as pessoas ainda acreditam no profissional, então é ele que deve buscar os fatos, se é boato ou não e desvendar realmente os fatos. Isso é um papel crucial, de filtrar as informações”. Ele ainda ressalta que hoje existem sites que foram criados especialmente para desvendar ou desmentir boatos e informações incorretas presentes na internet.

Ainda no que diz respeito à compreensão do que é jornalismo e qual a função do jornalista, Karoline Teixeira responde,

Jornalismo é informar da melhor maneira possível outras pessoas sobre todo tipo de assunto. O jornalismo tem o papel de comunicar e passar para a sociedade assuntos que dificilmente poderia ter acesso e conhecimento. Além disso, tem um papel social, de buscar melhorias, possibilitar que os assuntos relevantes cheguem até a população.

Para Clemerson Mendes,

Jornalismo é tudo aquilo que podemos classificar como uma forma de representar a sociedade e ser porta-voz. Uma profissão responsável por deixar a população informada, não só daquilo que as pessoas querem ouvir e saber, mas sim o que elas precisam ter conhecimento. O jornalismo é uma ferramenta.

Já José Roberto explica que

O jornalismo, além de uma profissão, é uma forma de transmitir informações, uma alternativa para que as pessoas tenham uma concepção de mundo em relação a todos os tipos de assuntos. Por mais que hoje as mídias sociais proporcionem que as pessoas se encontrem e discutam sobre esses assuntos, ainda é papel do jornalismo organizar isso e o jornalista seria o organizador, além de divulgador, e noticiador.

E Marcos Silva apresenta sua visão sobre o papel do jornalista dizendo que

Jornalista é o personagem principal do jornalismo, é quem vai direcionar e colher informações, conversar com as fontes e verificar dados necessários para contar essa história de uma forma relevante para a população. Para isso acontecer, é necessário pesquisar para quem essa história vai ser contada.

Para os acadêmicos, também sujeitos da pesquisa, como dito anteriormente, foi utilizado o mesmo roteiro de entrevista feito com os professores. As respostas sobre o que é o jornalismo e quais são as funções do jornalista, foram quase as mesmas obtidas com os professores, porém é possível perceber diferenças em alguns pensamentos ou perspectivas de acordo com o semestre que o aluno está cursando.

Os alunos relataram que o jornalismo é uma forma de buscar e mostrar a verdade para a sociedade, sempre prezando a ética; levar as informações de interesse e relevância em suas vidas, retratando a realidade; e manter a população atualizada. O jornalista seria quem faz isso, como um porta-voz da sociedade, quem faz o jornalismo acontecer, seria um mediador e um servidor social, entre os acontecimentos e o público.

Sendo assim, Franciele, acadêmica do segundo semestre, diz que

Jornalismo é uma forma de trazer a informação à sociedade, busca a veracidade dos fatos, é algo que deve ser levado a sério. O jornalista é quem faz isso acontecer, quem busca saber a verdade dos fatos, quem deve averiguar e pesquisar para informar corretamente a sociedade.

André, do quarto semestre, já tem uma perspectiva que vai além da apresentada anteriormente, segundo ele:

O jornalismo não é uma ciência, mas sim um trabalho, uma possibilidade de fazer uma ponte com a sociedade. Através desse trabalho, os jornais conseguem levar um certo retrato da realidade social, isso é muito útil para o cidadão, para que fiquem atualizados em todos tipos de assuntos. Uma das primeiras teorias estudadas no jornalismo, na faculdade, é a Teoria do Espelho, e eu quero incorporar isso à minha concepção, dizendo que o espelho mostra uma imagem perfeita, por ser algo sem vida, e quando colocamos vida em algo, atribuímos àquilo uma certa imperfeição, logo pensamos em ser humano. Então o jornalismo é um espelho humano das esferas políticas e sociais para o cidadão.

A acadêmica do sexto semestre, Andressa, relata que

O jornalismo é a prática de levar a informação para as pessoas de maneira objetiva, sempre prezando pela verdade e pela ética. Uma maneira de levar informações que sejam relevantes e de que alguma forma auxiliem a vida da população, o jornalismo é algo em que as pessoas possam confiar. E o jornalista seria como um porta-voz das pessoas, relatando os problemas e os fatos para

que todos fiquem cientes do que acontece no mundo e para que possam criar uma opinião. Seria um mediador.

Já Isabela, do oitavo semestre, diz:

Uma vez li uma frase em algum lugar que poderia definir o jornalismo e o jornalista, era o seguinte, 'o jornalismo é uma prática constante e diária do caráter da pessoa'. Pois trabalha com muitas ideias e versões e tem a função de buscar a verdade e mostra-la para a sociedade, basicamente, acredito que seja isso, a busca pela verdade.

Ainda segundo ela, "O jornalista seria o intermédio entre a verdade do jornalismo e a população, dar ao público o que ele quer, mas também oferecer o que ele precisa ouvir e saber". A aluna ainda destaca a importância do profissional no que diz respeito a apuração de informações, em busca da verdade

No que diz respeito a quais características esse profissional precisa assumir ou deixar de lado para se estabelecer nesse novo mercado, é possível recorrer à fala do professor Marcos Silva, quando ele faz o seguinte esclarecimento,

O jornalista, para se adaptar a esse novo formato, tem que dominar as ferramentas multimídia, pois ele pode fazer tudo com apenas um celular em mãos. É preciso buscar formação para se adequar às novas tecnologias e esse novo meio de produção, porque esse é o futuro do jornalismo.

Nesse sentido, Karoline Teixeira, esclarece que

É preciso deixar para trás o preconceito com a internet e as ferramentas que ela oferece. Usar as redes sociais para absorver o que é interessante nelas e que pode ser utilizado em favor do jornalismo, e fazer de maneira diferente. Deixar essa briga de publicação imediata e agregar e aproveitar esses mecanismos para trazer o público para perto, até para fazer esse intermédio

Em relação à visão dos alunos, Isabela acredita que

O jornalismo tem que se moldar ao que o público gosta e precisa, isso já está acontecendo, mas precisa se tornar mais presente mais forte, o formato engessado precisa se transformar. O público está mais exigente se transformando então o jornalismo não pode continuar o mesmo.

Já para André, acadêmico do quarto semestre,

É preciso ter agilidade sem se empobrecer o jornalismo com coisas vagas. Entrar na cibercultura, ter contato com as fontes



diretamente ou por meio da internet. E deixar de lado um pouco do capricho que tinha na época dos jornais e revistas, quando se podia fazer as coisas com calma, é contraditório, eu sou a favor desse cuidado, mas para se adaptar a esse novo formato, acredito ele tenha que ser mais rápido.

Ao serem questionados sobre se o jornalista ainda é necessário para esse processo comunicacional, tanto professores, quanto acadêmicos afirmaram que sim. Segundo o professor Clemerson Mendes,

Ele ainda tem importância, mas não é o único que está exercendo essa função, é preciso buscar um diferencial, para que assim, possa fidelizar o receptor. Acredito que vamos chegar a um ponto que o jornalista que vai conseguir se destacar vai ser aquele que conseguir achar um meio diferente de se produzir e divulgar, mas que mantenha a qualidade.

Na visão da acadêmica Andressa, nesse novo cenário comunicacional que vem se configurando, o jornalista

É importante pela credibilidade, o acadêmico de jornalismo passa por todo um processo de aprendizagem, sobre ética e construção de texto. Há muitas informações na internet que não sabemos de onde vem e não são verdades, então ele é importante para selecionar e trazer para o público o que realmente é verdade e relevante para a sociedade. Então acredito que ele seja importante por esse fato, da credibilidade e veracidade das coisas.

Para Franciele, acadêmica do primeiro semestre, o jornalista

Continua sendo importante, porque tem a questão da formação, possuem conceitos básicos de aprendizagem, de saber como fazer. Sua função muda no sentido de precisar pesquisar muito mais e deve ir muito além do que ia antes do surgimento da internet, por conta da grande quantidade de informações e outras pessoas “informando”.

Tais pontos de vista remetem à discussão, que dizem respeito às alterações de funções do jornalista, destacando aqui a mudança da função de gatekeeper para gatewatcher. Perante o imediatismo e tantas informações oferecidas pela facilidade da internet, o jornalista deve sempre estar se renovando e evoluindo. A função do profissional não se perdeu, os entrevistados compartilham do mesmo pensamento que o jornalista hoje age como um filtro de informações, e ainda mantem a sua importância em meio a tantos outros

“noticiadores”, afinal o profissional sabe distinguir o que é verdadeiro ou não e o que pode se tornar notícia ou não, é ele quem dá credibilidade à informação.

Conforme as informações aqui apresentadas, a identidade do jornalista é tida como líquida por estar sempre em alteração. É possível perceber que o jornalismo está passando por um momento de adaptação e de reconfiguração, possibilitada pelos avanços da tecnologia de comunicação digital pós-internet, assim como por uma nova dinâmica de mercado e também por uma dinâmica social. Situação essa que afeta diretamente na configuração e definição da identidade jornalística. São diversas as funções que podem ser desempenhadas e a cada pouco tempo surgem novas formas de poder realiza-las.

Em relação às comparações das respostas obtidas nas entrevistas, é possível ver que os professores têm respostas mais próximas em questão de significado e linha de raciocínio, alguns atuam na área jornalística há mais tempo, outros são novos no ramo, mas pelo fato de estarem no mercado de trabalho, seus conceitos acerca do jornalismo são semelhantes.

Já no que diz respeito aos relatos dos acadêmicos, é possível verificar como a forma de compreender o jornalismo é mutável conforme os anos na faculdade, com a adição de conhecimento e aprofundamento. Nesse sentido, a pesquisa mostrou como essas mudanças de visões são importantes para a formação do jornalista.

Foi possível perceber por meio das entrevistas feitas com os acadêmicos e professores que o jornalista ainda é o principal personagem dentro do processo de produção do jornalismo, por mais que sua identidade tenha passado por transformações, ele ainda se faz necessário para que a produção jornalística seja feita de maneira correta.

## Referências

AROSO, I. M. M. *A internet e o novo papel do jornalista*. 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-internet-jornalista.pdf>.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRUNS, A. *Gatekeeping, Gatewatching, Realimentação em Tempo Real: novos desafios para o Jornalismo*, Brazilian Journalism Research - Volume 7 - Número 11 - 2011.

CALTELLS, M. **Internet e sociedade em rede**. In: MORAES, D. (Org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 255-287.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

FONSECA, V. P. S.; KUHN, W. L. **Jornalista contemporâneo: apontamentos para discutir a identidade profissional**. Intexto, Porto Alegre, v. 2, n. 21, p. 57-69. jul./dez. 2009.

FONSECA, V.; LIDEMANN, C. **Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 34, p. 86-94, dez. 2007

FONTES, G. S. **A criação de vínculos sociais: um olhar a partir de universitários da cidade de Sinop - MT**. 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

JORGE, T.M.; BORGES, L.. **McDonaldização do Jornalismo: o discurso da velocidade**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004.

LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 4° ed., 2008.

MARCONDES - FILHO, C. **A saga dos cães perdidos**. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARRE, J.L. **História de vida e método biográfico**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 3, p. 89-141. jan./jul. 1991.

PENNA, F. **Teoria do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

Recebido em 30/09/2020

Aprovado em 17/03/2021